



Outros passarão, Quintana passarinho

Nos 30 anos da morte de Mario Quintana, o Correio do Povo discute o que é preciso para manter viva a memória de um autor do porte do poeta gaúcho

| Foto: Valmoci Vasconcelos / CP Memória

05/05/2024

Por Correio do Povo

“Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
Enfim,
Tem de ser bem devagarinho, amor,
Que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...”
(O Bilhete)

Por Leticia Pasuch e Carlos Corrêa



Mario Quintana e Dulce Helfer | Foto: Arquivo Pessoal / Divulgação / CP

AMIZADE ETERNIZADA

As maiores memórias do escritor alegretense estão vivas no pequeno círculo de amigos com quem ele estabeleceu laços. **Dulce Helfer é uma dessas pessoas: a jornalista tornou-se a fotógrafa oficial de Quintana e com quem ele mais conviveu na sua última década de vida, o acompanhando em diversos momentos e revelando a intimidade através das lentes.** Eles se conheceram em 1985, por meio de uma pauta para o veículo na qual ela trabalhava na época. Eram 50 anos a separar os dois – ela tinha 30; ele, 80 –, mas ambos tiveram uma conexão que o próprio poeta dizia ser “de outras vidas”. “A gente se identificou muito sobre vários aspectos da vida”, conta Dulce. Nesse primeiro encontro, ele logo perguntou: “quando tu vens me visitar para um café?”

À época, o poeta vivia no Hotel Royal, na rua Marechal Floriano. Logo depois, mudou-se para o Porto Alegre Residence Hotel, na André da Rocha, onde residiu nos últimos dez anos de vida. A aproximação permitiu diversos encontros, religiosamente regados a café preto, mousse de chocolate e conversas. Nesses encontros, Quintana lia seus poemas para Dulce, alguns em primeira mão. Ela, inclusive, ainda guarda vários originais, com a letra cursiva reconhecível de longe. Além das dedicatórias que o escritor fazia nos poemas, os amigos trocavam bilhetes carinhosos, ainda guardados. Um deles, ela lembra todas as palavras de cor: “Meu amor é da cor do arco-íris, não tens ideia o que acontece dentro de mim a me sorris. Até parece um caso de pura magia”.

Notívago, Quintana não tinha horário para dormir, e chamava a amiga para visitá-lo até 1h da madrugada. E ela ia. Um dia, inclusive, levou ninguém menos que Caetano Veloso para conhecer o poeta, que pediu a Dulce que trouxesse “um grande músico”, pois ele praticamente não escutava música – nem gostava, na verdade. Ele era como “o poeta João que não gosta de música”, que Caetano cantou em “Outro Retrato”.

Para Dulce, a oportunidade de ser autora da maioria das fotos de Quintana disponíveis na internet foi uma maneira de eternizá-lo. “Fotógrafo tem a mesma função do poeta: eternizar o momento que passa”, já dizia o próprio Quintana. Com a máquina fotográfica sendo uma extensão de si mesma, Dulce registra sem saber como as fotografias poderiam ser eternizadas. Para ela, Quintana precisa ser lembrado por suas reflexões, que versavam desde o cotidiano até a vida e a morte. “Ele era uma pessoa muito espirituosa. Tinha um humor, e muitas vezes podia ser um humor ácido, mas era uma pessoa espirituosa o tempo todo, e a obra dele vinha realmente de dentro dele”, diz.

“Ele era uma pessoa muito espirituosa. Tinha um humor, e muitas vezes podia ser um humor ácido, mas era uma pessoa espirituosa o tempo todo, e a obra dele vinha realmente de dentro dele”, recorda Dulce Helfer



Mario Quintana e Caetano Veloso, registrados por Dulce Helfer | Foto: Dulce Helfer / Divulgação / CP